INTRODUÇÃO

Assim como eu qualquer um de vocês tem muitas histórias pra contar. Basta ter oportunidade e aproveitá-la para se lembrar de uma que ocorreu numa visita ao médico, à farmácia, ao hospital e até mesmo no convívio com os colegas.

Quando encontramos algum colega, quando vamos ao sindicato, no encontro dos aposentados, nas colônias de férias, sempre contamos alguma história.

Foi com este objetivo que resolvi colecionar histórias às vezes jocosas, comunicativas, histéricas, discriminatórias, ou até ofensivas e transformá-las em crônicas.

Acho que se não catalogarmos estes acontecimentos nunca teremos algo de concreto para contar aos nossos filhos, netos, parentes e amigos.

Assim como se diz que um país cuja preservação é contínua terá um futuro melhor, registramos alguns fatos com o objetivo de marcar a passagem desta categoria de propagandista vendedor, tão antiga e existente desde os primórdios das gerações, tão desgastada, desprestigiada, e reduzida pelas constantes vendas e alianças dos laboratórios.

Se nos bons tempos tínhamos 400 a 500 laboratórios para se trabalhar, hoje temos no máximo 40 deles, sendo poucos com propaganda médica e muitos só com vendas de produtos farmacêuticos.

Caros colegas, não percam tempo, escrevam suas histórias. Quem sabe possamos ter “Contos da Propaganda” 01, 02, e outros. Precisamos apenas de disposição, criatividade e boa vontade.

Avante sempre para construirmos um futuro melhor.

Tenho dito.

ÍNDICE

Origem	**5**
Infância	**7**
Coisas do Sítio	**9**
Presente	**11**
Nossa Pasta	**14**
Um Sonho	**17**
Erisipela	**20**
Duro de Engolir	**22**
Paralelepípedo	**25**
O Imprevisível	**27**
Saudades	**30**
Lepra	**32**
Sorte	**34**
Viagem Para o Rio	**37**
Sucesso	**40**
As Aparências Enganam	**42**
Mitos	**44**
Vizinhança	**46**
Terno e Esporte	**49**
Nova Experiência	**52**
Contos de Venda em Farmácias	**55**
Cartão Vermelho	**58**
Mudança	**61**
Viagra	**63**
As Diferenças	**66**
Curso de Novos	**68**
Bom Início	**71**

Predestinados **73**
Lançamentos **75**
Promoção **77**
Copa de 82 **80**
Festas **83**
Uma Fria **85**
Saída Errada **88**
Barco Furado **90**
O Retorno **93**
Casa Nova **95**
Bomba **98**
Reunião dos Desesperados **100**
Mulheres **103**
Mares Agitados **105**
Democracia **107**
Gestão Sanofi **109**
Tabu **111**
Susto e Decepção **114**
Inferno **117**
Céu **120**
Política **124**
Fim de Ano **126**
Férias **128**
Palhaço **130**
Tragédias **132**
Rio Miranda **134**
Ociosidade **137**

ORIGEM

Em 1946, eu tinha apenas dois anos e minha família era recém-chegada de Itajubá – Minas Gerais – para um sítio em Ouro Branco, um patrimônio de Martinópolis a 35 quilômetros de Presidente Prudente, na região da Alta Sorocabana em São Paulo.

O sítio, região próspera, rica e um verdadeiro paraíso, passou a chamar-se sítio dos Magos. Agricultura dominava em todos os lados da estrada de ferro Sorocabana. Mais tarde a região de Presidente Prudente no sentido Mato Grosso dominou a pecuária até hoje.

O sítio de cinco alqueires ficava a cinco quilômetros do patrimônio. Havia uma estrada de terra batida, quase que um trilho que saía da vila, cortava o nosso sítio ao meio e chegava até um rio, provavelmente era chamado de Rio dos Peixes. Era grande e muito piscoso. O sítio era conhecido como dos Magos. Mas não tem nada a ver com Reis Magos. O meu pai era de origem da família dos Magos, família tradicional mineira que cultivava plantação de fumo de corda. O seu nome completo era João Antônio Martins. Como se vê não tem Mago. Seu cognome era João Mago.

Segundo meu pai, no sítio tinha apenas uma velha casa, um quintal e muita mata. Praticamente ele teve que construir tudo. A família até então era formada por nove pessoas. Meus pais mais sete filhos. Cheia de dificuldades a família trabalhou muito e construiu uma casa de madeira boa e confortável, um galpão para guardar as ferramentas e um paiol para armazenar o algodão e outras colheitas.

No começo meus pais e meus irmãos trabalharam muito. Cultivavam algodão, milho, amendoim, batata, feijão, mandioca, algumas frutas, verduras e legumes. Tínhamos no sítio um cavalo puro-sangue, um pangaré, mulas e burros para puxar arado, cabritos e um bode, muitas galinhas, patos e uma criação de porcos.

Meus pais embora analfabetos, tinham muita noção dos negócios e sempre foram e viveram da roça. Minha mãe, uma senhora religiosa, inteligente, corajosa e forte, era praticamente a cabeça mandante da casa. Os filhos com a formação antiga recorriam mais à mãe do que ao pai. O pai era um homem mais austero, de pouco diálogo, enérgico e voltado mais ao trabalho na roça do que à educação dos filhos. Achava que estudar não iria resolver nada. A mãe não, ao contrário, fazia questão de colocar os filhos na escola.

Assim mesmo, os mais velhos não tiveram a oportunidade de ir à escola e talvez por isso saíram mais cedo de casa pensando em melhorar de vida. Um foi para o Mato Grosso (hoje Mato Grosso do Sul), outro para São Paulo – Capital, e a Maria casou-se e foi morar em Presidente Venceslau, cidade depois de Presidente Prudente.

Neste maravilhoso sítio aconteceram muitas coisas. Mas, isto será assunto para os próximos capítulos.

INFÂNCIA

Como disse no primeiro capítulo, o sítio era dividido em duas partes cortado por uma estrada de terra. A parte de cima era só para plantações e na parte de baixo, a maior, mais plaina e mais verde, ficavam a sede e as plantações especiais que requeriam mais cuidados.

Segundo a minha mãe eu mamei até os dois anos. Depois fui criado com leite de cabra. Mais tarde me lembro que minha mãe me ensinou a chamar a cabrita – "BITA, BITA, BITA" pra comer milho. Ela era mansinha e muito obediente. Enquanto ela comia o milho eu deitava no chão entre as suas pernas e mamava direto em suas tetas (no ubre da cabrita). Diz a minha mãe que por isso que eu sou mais saudável até hoje. Realmente dizem os estudiosos que o leite de cabra é o que mais se aproxima do leite materno.

Neste período, eu não me lembro de muitos episódios, mas sempre têm alguns que se tornam inesquecíveis. Em toda região nesta época não existia eletricidade. Tudo era feito manualmente à base da força, do querosene e do óleo. À noite usava-se lamparinas à base de querosene ou óleo. Lampião à gás e diesel era para os ricos. Usava-se também velas, mas eram mais caras que o querosene e o óleo. Não existia geladeira. Daí vem a criatividade dos trabalhadores rurais. Matava-se um porco, derretia a sua gordura e armazenava em latas de vinte litros. Cozinhava-se sua carne em pedaços que eram colocados juntos com a banha nas latas. Conforme se consumia a banha, ia-se também consumindo a carne do porco. Não havia risco algum de contaminação, porque estas latas cheias eram guardadas em local bem fresco.

O fogão só à lenha, que na atualidade não faltava. A fornalha funcionava direto para fazer pães, bolos e broas de fubá ou até mesmo assar pernil. O que não faltava na região eram animais silvestres. Nas matas viam-se macacos, jaguatiricas, raposas, gambás e muitas aves grandes. Nos campos eram comuns tatus, perdizes, nhambus e muitas cobras: principalmente cascavel, corais e cobras d'água.

As casas eram construídas encima de troncos de árvores a um metro de altura do chão para se evitar os animais peçonhentos. O mesmo se fazia com os paióis para evitar os animais e a umidade do solo.

As galinhas eram felizes. Eram criadas soltas no quintal e no meio das plantações. Seus ninhos eram feitos nos jacás ou balaios pendurados nas árvores para evitar o ataque dos bichos, principalmente gambás e raposas. Mas, haviam galinhas teimosas que faziam seus ninhos no meio das plantações. Era comum, quando os meus irmãos estavam capinando a roça, encontrar ninhos com vários ovos. Quem fazia a festa eram eles. Paravam de trabalhar, quebravam os ovos no cabo da enxada e tomavam os ovos crus e quentes do calor do ninho.

Lembro-me muito bem que haviam vários buracos no chão com diâmetro de um metro e com igual profundidade para guardar as frutas verdes. Serviam como estufas para amadurecê-las e eram consumidas ao longo de vários dias e semanas. Não se perdia nada, tudo era aproveitado. Quando algo estava impróprio ao consumo humano, dava-se para os animais. Eles agradeciam e eram todos felizes.

COISAS DO SÍTIO

Meu pai dividia o sítio em glebas. Cada gleba era destinada a uma só cultura. Fazia-se o revezamento das culturas para não cansar a terra. Uma gleba era reservada ao pasto. Um cercado grande onde mantinham os animais. Neste pasto criavam-se cavalos e burros. Por falar em cavalos, nós tínhamos um puro-sangue, chamado *Diamante*. Era a coqueluche do sítio. Era tratado a pão de ló. Para ele se dava o melhor de tudo: remédios, cana moída, banho, escovação e treino de corrida todos os dias. Ele era o campeão da redondeza. Valia muito. Depois de muitos anos e muitas corridas ganhas por ele, meu pai trocou o campeão por uma chácara no Patrimônio que viemos morar alguns anos mais tarde.

No limite do sítio tinha um rio, afluente do rio dos Peixes, que nós costumávamos tomar banho todos os dias no final da tarde. Foi neste rio que meu irmão Joaquim me ensinou a nadar. Isto é, tive que aprender na marra. Ele me pegava pelos braços e me jogava no meio do rio e me dizia para nadar igual cachorrinho. De duas uma: ou eu nadava ou afundava. Mergulhar? Nós apostávamos quem aguentava ficar mais tempo debaixo d'água. Brincávamos de pega ladrão debaixo d'água. Um mergulhava e em seguida outro mergulhava atrás para pegá-lo. O primeiro mudava de rota para fugir do segundo. Só valia debaixo d'água. Com esta brincadeira agente adquiria muito fôlego. Depois de uma hora da tarde, estafados do trabalho da roça, seja capinando os matos ou colhendo alguma safra, nada melhor que um banho no rio. Nosso pai não ia junto, apenas recomendava cuidado. Na safra de algodão o paiol ficava lotado. Quantas e quantas noites, nós, os filhos, preferíamos dormir no paiol

de algodão, praticamente enterrados no algodão. Pelo menos era bem mais quente que em nossas camas.

Teve uma época que tive caxumba. Ficava o dia inteiro praticamente sem fazer nada, dormindo no paiol, enterrado no algodão. Só saía para tomar remédio caseiro e banho de água quente. Neste tempo os doentes só contavam com remédios caseiros, benzedeiras e um posto de internação no Patrimônio. Os recursos eram poucos e precários.

Lembro-me que certa vez eu estava colhendo algodão, quando levei a mão na maçã para tirar a paina do algodão, fui picado por uma caranguejeira. Na hora a dor foi terrível. Não sabia o que fazer, a não ser gritar e chorar de dor. Imediatamente meu pai amarrou um pano no meu pulso para o veneno não subir pelo braço e meu irmão mandou que eu urinasse na mão, encima da picada, para aliviar e desinfetar o local. Vejam que tudo era feito de maneira bem atrasada conforme os costumes da época. Quando sofria picada de cobra, costumava colocar lâmina da faca encima do ferimento e às vezes até cutucar com a ponta da faca para tirar o sangue coagulado, prender a circulação do sangue, colocar fumo mascado para aliviar a dor e rezar muito para não acontecer o pior que era a morte. Mas, felizmente nunca chegou a ponto de óbito. Somente por milagre mesmo não ter acontecido nada. Pois, todas as condições levavam a este final.

PRESENTE

Lembro-me muito bem de um fato que ocorreu aos seis anos de idade, justamente no dia do meu aniversário, em 19 de novembro de 1950.

Nós morávamos no mesmo lugar, em Ouro Branco. O meu pai me deu de presente uma enxada. É estranho uma criança de seis anos receber de presente uma enxada, utensílio da roça, como presente de aniversário! Mas, para mim foi o máximo. Gostei, e ali senti que aquela enxada seria o símbolo da garra que iria me nortear para o resto da minha vida.

Em certa ocasião, minha irmã Aparecida pegou a minha enxada sem minha permissão e isto foi motivo para o maior entrevero entre mim e ela, pois aquela enxada era somente minha. Coisa de criança.

Nós trabalhávamos, isto é, toda família, de segunda à sexta na roça para o meu pai. Ele era o dono da roça. Nos sábados e domingos ele pagava para quem quisesse trabalhar. Geralmente nas colheitas de algodão, amendoim, milho, frutas e outros afazeres da roça. Eu me lembro muito bem que eu e meu irmão Joaquim combinávamos de acordar mais cedo, às cinco da manhã, para cantar músicas sertanejas. Que saudades daqueles tempos. Ai se pudéssemos voltar no tempo, quanta coisa boa viveríamos novamente. Mas, eu nunca tive queda para a música. Em compensação, ele sim tocava muito bem o cavaquinho. E assim, cantarolávamos algumas músicas. Mas, a história de tudo isto é que eu queria comprar um cavaquinho para aprender a tocar. Na época um cavaquinho custava mais ou menos R$150,00. Eu não tinha dinheiro e não tinha coragem

de pedir ao meu pai, coisa que eu nunca fiz, e a única alternativa era trabalhar aos sábados e domingos para ajuntar grana e comprar o que eu quisesse. E assim foi feito.

Depois de muito tempo consegui juntar o dinheiro e comprar o cavaquinho. Era o meu troféu e o meu orgulho. Mas, infelizmente nunca aprendi uma partitura sequer.

Nós íamos à escola no período da manhã. Caminhávamos uma hora percorrendo cinco quilômetros de estrada até chegar no patrimônio, onde ficava a escola. Tínhamos aula das 8h até às 12h. Um recreio às 10h e voltávamos ao meio dia para mais uma caminhada de uma hora, todos famintos, loucos para chegar em casa. Nós chegávamos, almoçávamos, descansávamos entre meia a uma hora e íamos pra roça. À noite fazíamos a lição para o dia seguinte.

Nós adorávamos quando tinha um feriado para não ir à escola. Às vezes, até gostava de ficar doente pra matar aula. Mas, não conseguia fugir de trabalhar na roça. Meu pai não dava mole. Ele era durão com os filhos. Por isso que a maioria dos meus irmãos não concluíram o primário. Eu fui privilegiado.

O tempo passou, mudamos para São Paulo e acabei vendendo o cavaquinho por alguma ninharia. A vida é assim mesmo. Quando o cinto aperta a gente lança mão de qualquer coisa. Mas, ficou na lembrança.

Em 1958, entrei no colégio Nossa Senhora do Carmo, em Itu, graças a uma boa ação de Frei Pio, homem dedicado ao sacerdócio e a ajudar crianças pobres, entre as quais eu me encontrava. Graças ao seminário pude fazer o colegial, o clássico e começar a faculdade. Infelizmente não tive oportunidade de concluí-la.

Por vários motivos de força maior comecei a trabalhar no antigo hospital Matarazzo e depois na propaganda médica. Na propaganda médica eu me realizei. Aconteceram muitas coisas inesquecíveis: promoções, trabalhos diferenciados, ótimas amizades, prêmios e medalhas e até que em 22 de outubro de 1993 recebi a homenagem maior da categoria – *Mestre da Propaganda Médica*. Isto é realmente uma coisa inesquecível. Tenho até hoje guardado o cartão de prata desta homenagem.

Realmente todos nós temos coisas inesquecíveis. E como é gostoso relembrar estes momentos agradáveis da vida. Se formos registrar todos os momentos inesquecíveis haja tempo e paciência para enumerá-los. Só vale a pena lembrar dos momentos bons, pois os maus esquecemos facilmente. Ainda bem para alegria e glória daquele que está a todo o momento e instante junto conosco... Deus, dono da nossa vida e da natureza.